



# Aula 06 – Coesão

*IME - 2021*

**Professora Celina Gil**

# Sumário

## Sumário

Apresentação .....	3
1 – Análise social .....	4
2 - Coesão .....	6
Coesão Gramatical.....	6
Coesão Lexical.....	8
2.3 – Exercícios de coesão .....	9
2.4 - Gabarito .....	15
2.5 – Exercícios comentados .....	16
3 – Prática de redação .....	23
Proposta I.....	23
Proposta II.....	28
Proposta III.....	31
Proposta IV.....	34
Considerações finais.....	37



## Apresentação

**Olá!**

Vamos mudar um pouco nosso esquema de aulas para abarcar esses pontos tão importantes de coesão e coerência. Agora, você terá alguns exercícios de múltipla escolha para praticar usos de conectivos!

Na aula de hoje, veremos:

### **AULA 06 – Coesão**

- Estudo dos conectivos
- Exercícios de identificação de valores de conectivos; e
- Prática de redação: produção de 2 textos.

Nossas aulas de redação serão sempre compostas de 3 partes:

## 1 - Análise social

Apontamentos acerca de assuntos ligados ao contemporâneo.  
Esses apontamentos têm o objetivo de fortalecer seu repertório e auxiliar na elaboração de argumentos.

## 2 - Estudo de uma parte da dissertação

Estudo aprofundado de uma das partes que compõe o texto dissertativo.  
Vamos passar por introdução, desenvolvimento, conclusão e coesão/coerência.

## 3- Produção textual

Análise de redações/trechos de redações e/ou exemplo de produção textual.  
Propostas de redação inéditas para serem executadas pelo aluno.

Vamos lá?



## 1 – Análise social

Em seu livro **Vigiar e Punir**, Michael Foucault mostra o nascimento da sociedade moderna a partir da maneira como eram tratados os fora da lei. Por volta do século XVII, as punições eram exemplares, mas ocasionais. Eram horríveis, sem dúvida, um espetáculo grotesco, mas eram raras. As sociedades modernas começam a abolir os suplícios e a humanizar os castigos. Contudo, isso ocorre a partir da criação de **instituições disciplinares de controle e vigilância social**: a **escola**, o **quartel** ou o **manicômio**.

Na verdade, o controle se faz através do **corpo**. Na escola, por exemplo, o jovem é submetido a uma série de regras que devem levá-lo a controlar o corpo em nome da razão: não se pode ir ao banheiro quando quer, deve obedecer a toques de sinais, o sono não é permitido. Essa é uma forma de interiorizar a disciplina. Trata-se de mecanismos de poder “que fazem viver”, pois as práticas visam a garantir o desenvolvimento do indivíduo.

Desses mecanismos, o mais bem-sucedido relaciona-se à **saúde**. O desenvolvimento da biologia e da medicina realmente proporcionou bem-estar ao homem. Contudo, o preço pago é o **controle e a vigilância**.

**Gilles Deleuze** identifica que a sociedade contemporânea é identificada pelo **controle**. Isso não se refere a um encarceramento, mas a um **controle aberto**. Não que a ideia de disciplina tenha deixado de existir, mas foi expandida para outros campos.

Segundo Foucault, a disciplina é **interiorizada** a partir das noções de **medo, julgamento e destruição**. Numa sociedade contemporânea, em que as antigas instituições sólidas já não existem mais, os dispositivos disciplinares podem aparecer em ainda mais espaços.

As instituições sociais modernas produzem indivíduos sociais muito mais moveis e flexíveis que antes. O indivíduo contemporâneo é mais flexível, fluido, não pertence a nenhuma identidade e pertence a todas. E está **eternamente sob vigilância**. O nomadismo e as redes de informação são fundamentais para a ideia de controle. A vigilância é **virtual e onipresente**, não necessariamente dominante como no esquema do **Panóptico**. Na sociedade do controle, todo indivíduo é um panóptico em potencial.



**Panóptico** é o termo que designa a prisão ideal, desenvolvida por Jeremy Bentham em 1785. Sua arquitetura consiste num edifício circular. Ao centro, uma torre em que os seguranças podem observar para todas as direções. Em volta, as celas, separadas sem qualquer comunicação. Os presos nunca saberiam quando estavam sendo observados, pois não há visibilidade de dentro da torre. Veja a imagem para um exemplo possível de Panóptico.

**Toda a sociedade controla os passos do indivíduo.** Há vigilância constante de câmeras em todos os lugares, inclusive a ameaça de que dentro de sua própria casa, seu computador pode estar vigiando você. Não é preciso que haja ninguém nos observando para sermos disciplinados: é a **possibilidade de estar sendo observados que norteia nossos comportamentos.** Estamos sob o efeito de controle disciplinar independente de termos ou não uma autoridade por perto.

Um dos fenômenos mais exemplares para compreender a sociedade do controle são os **reality shows**. Os programas colocam os participantes em situações limite e o público observa o modo como eles reagem a essas situações e julga seu comportamento.

Na sociedade de controle, o aspecto disciplinar não desaparece, apenas muda seu modo de atuação. Isso aparece, por exemplo, na ideia de **abolição do confinamento**, tanto psiquiátrico quanto criminal.

FILMES		
<p><b>Dead set (2008)</b></p>  <p>Durante uma temporada do Big Brother, tem início o apocalipse zumbi. As pessoas que estão reclusas na casa, porém, não sabem que estão agora cercadas.</p>	<p><b>V de vingança (2005) Dir.: James Mc Teigue</b></p>  <p>Numa Inglaterra do futuro, em que um regime totalitário está em vigor, um homem mascarado, cujo codinome é V, convoca a resistência contra a tirania do regime.</p>	<p><b>O leitor (2008) Dir. Stephen Daldry</b></p>  <p>Em uma sociedade moralista, que pressiona as pessoas a seguir seu padrão de comportamento, uma mulher solitária e mais velha se envolve com um adolescente, num caso que mudará suas vidas.</p>
<p><b>A onda (2008). Dir.: Dennis Gansel</b></p>  <p>Um professor de ensino médio cria um experimento para ensinar na prática para seus alunos os mecanismos de fascismo, poder e controle, mas isso acaba se tornando real.</p>	<p><b>Clube dos cinco (1985) Dir.: John Hughes</b></p>  <p>Cinco adolescentes muito diferentes entre si, do ensino médio, ficam uma tarde juntos na detenção por conta de delitos que cometeram. Exemplo para a ideia de disciplina de Foucault.</p>	<p><b>O círculo (2017) Dir.: James Ponsoldt</b></p>  <p>The Circle, uma das empresas mais poderosas de internet do mundo, responsável por conectar os e-mails das pessoas a todas as suas atividades. Mae Holland é contratada para um experimento de mostrar sua vida 24h.</p>



## 2 - Coesão

A **coesão** lida com as articulações no nível da morfossintaxe, ou seja, entre as palavras, frases, orações e períodos. Ela pode ser **gramatical ou lexical**.

### Coesão Gramatical

#### ➤ Referência e reiteração

Consiste em substituir os termos que já apareceram no texto por outros que possam lhe fazer referência. São empregados, principalmente **pronomes, numerais, advérbios e artigos**:

São mecanismos chamados de **anáfora** e **catáfora**, respectivamente:

Anáfora: recupera termo anterior	Ex.: A <b>menina</b> saiu. <u>Ela</u> foi à praia.
Catáfora: recupera termo posterior	Ex. Só espero <u>isto</u> : uma <b>folga</b> .

#### ➤ Elipse

A **elipse** é uma figura linguagem que dá nome ao fenômeno de omitir um termo da oração, tendo em vista o contexto ou situação. **Só se podem omitir termos que não serão prejudiciais ao entendimento**, ou seja, a oração precisa fazer sentido mesmo sem eles.

Supressão das formas nominais (substantivos, adjetivos, numerais, etc.)	<b>A menina</b> caiu do cavalo, mas ( <b>a menina</b> ) dançou a noite toda.
Supressão do verbo (ainda que de flexões diferentes)	O menino <b>era</b> inteligente, mas não ( <b>era</b> ) esperto. O menino <b>era</b> esperto, mas as meninas ( <b>eram</b> ) inteligentes.

#### ➤ Conjunção

A coesão por **conjunção** nada mais é que o uso correto dos conectivos. **É muito importante para sua redação, mas é também muito comum em exercícios de interpretação em gramática.**



**O valor dos conectivos é o assunto mais importante para coesão e coerência.**

Dedique-se a conhecer esses usos e aplicar em suas redações.

Veja um quadro com as principais conjunções e seus valores para usar em sua redação:

### Conjunções coordenativas

<p><b>Aditivas</b> Relacionam pensamentos similares.</p> <p>e; nem; também; bem como; não só...mas também.</p>	<p><b>Adversativas</b> Relacionam pensamentos opostos.</p> <p>mas; porém; contudo; todavia; entretanto; no entanto; não obstante.</p>
<p><b>Alternativas</b> Relacionam pensamentos excludentes.</p> <p>ou; ou...ou; já...já; ora...ora; quer...quer; seja...seja.</p>	<p><b>Conclusivas</b> Relacionam pensamentos em que o segundo conclui o primeiro.</p> <p>logo; pois; portanto; assim; por isso; por consequência; por conseguinte.</p>
<p><b>Explicativas</b> Relacionam pensamentos em que a segunda frase explica a primeira.</p> <p>que; porque; porquanto; pois; isto é.</p>	

### Conjunções subordinativas

<p><b>Causais</b> Exprimem causa.</p> <p>porque; que; porquanto; visto que; uma vez que já que; pois que; como.</p>	<p><b>Concessivas</b> Exprimem contraste.</p> <p>embora; conquanto; ainda que; mesmo que; se bem que; posto que.</p>
---	--

<p><b>Proporcionais</b> Exprimem proporção.</p> <p>à medida que; à proporção que; ao passo que.</p>	<p><b>Conformativas</b> Exprimem conformidade.</p> <p>como; conforme; consoante; segundo.</p>
<p><b>Comparativas</b> Exprimem comparação.</p> <p>como (relacionado a tal, tão, tanto); como se; do que (relacionado a mais, menos, maior, menor, melhor, pior); que.</p>	<p><b>Consecutivas</b> Exprimem consequência.</p> <p>que; tanto que; tão que; tal que; tamanho que; de forma que; de modo que; de sorte que; de tal forma que.</p>
<p><b>Finais</b> Exprimem finalidade.</p> <p>a fim de que; para que; porque; que.</p>	<p><b>Integrantes</b> Antecipam uma oração com valor de substantivo</p> <p>que; se; como.</p>
<p><b>Condicionais</b> Exprimem condição.</p> <p>se; caso; desde; salvo se; desde que; exceto se; contando que.</p>	<p><b>Temporais</b> Exprimem tempo.</p> <p>antes que; apenas; assim que; até que; depois que; logo que; quando; tanto que.</p>

## Coesão Lexical

### ➤ Reiteração e Nominalização

Na **reiteração** ocorre a repetição de palavras ou expressões linguísticas.

Ex.: Ele **comia, comia, comia** até não poder mais.





Já a **nominalização** é a repetição de termos da mesma família, ou seja, que possuem o mesmo radical.

Ex.: Ela estava muito **feliz** e essa **felicidade** a preenchia.

### ➤ Substituição

Nos processos de substituição, são utilizados termos ou expressões que pertençam ao mesmo campo semântico. Assim, o texto não fica repetitivo ou difícil de assimilar.

Recurso de substituição	Exemplo
<b>Sinonímia:</b> expressões linguísticas de significados semelhantes.	<b>São Paulo</b> inspirou muitas músicas. <b>A terra da garoa</b> já ganhou músicas de Tom Zé, Caetano Veloso e Rita Lee.
<b>Antonímia:</b> expressões linguísticas de significados opostos.	<b>Economizar dinheiro</b> é difícil entre os jovens. Pessoas com menos de vinte anos tendem a <b>gastar muito</b> .
<b>Hiperonímia:</b> expressões linguísticas que representam conjunto ou termo geral.	<b>Artistas</b> tendem a ver o mundo de maneira diferente. Os <b>pintores</b> enxergam de modo único as cores que os circundam.
<b>Hiponímia:</b> substituir por expressão linguística que representa individual ou termo detalhado.	As <b>abelhas</b> são muito importantes para o equilíbrio ambiental. O desaparecimento desses <b>insetos</b> está causando muitas mazelas na natureza.

## 2.3 – Exercícios de coesão

### 1. (ITA SP – 2014 adaptada)

Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do período. São trechos de um texto sobre a criação do personagem, Carlito, de Charles Chaplin.

- a) O andar do personagem não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. – **já que**
- b) O público riu: estava fixado o andar habitual do personagem Carlito. – **visto que**
- c) O público não achou graça: estava desapontado. – **de forma que**
- d) Cada espectador pode encontrar nele o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. – **posto que**
- e) A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, não poderia pensar outra coisa. – **tanto que**

### 2. (ITA SP - 2011)

Os trechos a seguir, que estão fora de ordem, fazem parte de um texto coeso e coerente.



- I. Estudos feitos com várias profissões que trabalham em turnos mostram que ficar acordado por mais de 19 horas ou ter uma jornada de trabalho superior a 12 horas provoca sintomas semelhantes ao de um porre.
  - II. Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada, as consequências negativas se potencializam ao extremo.
  - III. As reações ficam mais lentas e o julgamento da realidade é comprometido.
  - IV. Um piloto dormir no manche do avião é uma cena muito mais rara do que um motorista de ônibus ou caminhão cochilar no volante. Mas pode acontecer.
  - V. No caso da aviação, há ainda o agravante de que os pilotos trabalham a 10 mil metros do solo, no comando de aeronaves complexas e delicadas, às vezes com mais de uma centena de passageiros a bordo.
- (Em: Pesquisa Fapesp, agosto/2009. Adaptado)

Assinale a opção que apresenta a melhor sequência.

- a) I – II – IV – III – V.
- b) IV – I – II – V – III.
- c) IV – I – III – II – V.
- d) I – V – IV – III – II.
- e) IV – I – II – III – V.

### 3. (IME – 2014 adaptada)

Arte estimula o aprendizado de matemática

<sup>1</sup> Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e <sup>2</sup> continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em <sup>3</sup> vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

<sup>4</sup> O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São <sup>5</sup> Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos <sup>6</sup> poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de <sup>7</sup> matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como <sup>8</sup> acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na <sup>9</sup> pintura, nas artes em geral.

<sup>10</sup> Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da <sup>11</sup> USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de <sup>12</sup> absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a <sup>13</sup> demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

<sup>14</sup> O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores <sup>15</sup> representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente <sup>16</sup> estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do <sup>17</sup> ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se <sup>18</sup> expressar plasticamente.

<sup>19</sup> "Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas <sup>20</sup> observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que <sup>21</sup> morreu em 1972.



CIÊNCIA E CULTURA. Arte estimula o aprendizado de matemática. Disponível em:  
<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext)>. Acesso em 05/05/2013.

Dentre os trechos do texto nas alternativas a seguir, um revela uso inadequado do recurso coesivo. Aponte-o.

- a) O professor Luiz Barco, (...) é um deles. (Refs. 4 e 5)
- b) Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, (...) (Ref. 7)
- c) Ele provou, na prática, que é possível (...) (Ref. 16)
- d) (...) ou sob o seu aspecto estético, (...) (Ref. 17)
- e) (...) utilizando-as para se expressar plasticamente. (Ref. 17)

#### 4. (IME - 2010)

O processo de coesão pode ser realizado através de vocábulos anafóricos – aqueles que se referem a um outro anteriormente expresso. A oração do texto, que NÃO apresenta vocábulo anafórico é:

- a) (...) chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.
- b) Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente.
- c) Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.
- d) Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- e) José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo.

#### 5. (FUVEST – 2018)

<sup>1</sup> Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, <sup>2</sup> ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos <sup>3</sup> próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que <sup>4</sup> tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. <sup>5</sup> Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, <sup>6</sup> torna-se, deste modo, arte moderna.

<sup>7</sup> As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. <sup>8</sup> Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. <sup>9</sup> Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova <sup>10</sup> visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é <sup>11</sup> mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua <sup>12</sup> altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; <sup>13</sup> e, todavia, o seu significado não está perdido porque o <sup>14</sup> significado que uma obra assume para uma geração posterior <sup>15</sup> é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (Refs. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.



- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

## 6. (FUVEST - 2015)

<sup>1</sup> Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o <sup>2</sup> capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o <sup>3</sup> mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios <sup>4</sup> particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu <sup>5</sup> Jão Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo <sup>6</sup> quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer <sup>7</sup> um moquirão\*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

<sup>8</sup> – Mas chegará, homem? perguntou a velha.

<sup>9</sup> – Há de se espichar bem, mulher!

<sup>10</sup> Uma voz os interrompeu:

<sup>11</sup> – Por este preço dou eu conta da roça!

<sup>12</sup> – Ah! É nhô Jão!

<sup>13</sup> Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham <sup>14</sup> por homem de palavra, e de fazer o que prometia. <sup>15</sup> Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que <sup>16</sup> estava destinado para o roçado.

<sup>17</sup> Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos <sup>18</sup> descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele <sup>19</sup> esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, <sup>20</sup> que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se <sup>21</sup> deixando-os embasbacados.

José de Alencar, **Til**.

\* **moquirão** = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- I. Em “alcançou o capanga um casal de velhinhos” (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- II. O verbo sublinhado no trecho “que seguiam diante dele o mesmo caminho” (L. 2-3) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- III. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis” (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

## 7. (UNESP – 2018)



“Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2o parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se, respectivamente, a

- a) “alavanca”, “um”, “viúva e órfãos”.
- b) “pedra”, “um”, “meninos”.
- c) “pedra”, “alavanca”, “viúva e órfãos”.
- d) “alavanca”, “pedra”, “viúva e órfãos”.
- e) “alavanca”, “pedra”, “meninos”.

**8. (UNESP – 2017 adaptada)**

Em “Conta ela que seu Alfredo, **mal** viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado.”, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) assim como.
- b) logo que.
- c) enquanto.
- d) porque.
- e) ainda que.

**9. (UNESP - 2016 adaptado)**

Leia o trecho do texto **Brinquedos incendiados**, e Cecília Meirelles.

**Assim**, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens e deixar cravadas nelas, como setas, os nossos olhos.

Abaixo, você encontra o texto reescrito, mas mantendo o mesmo sentido do texto original:

\_\_\_\_\_, o bando de crianças passava em frente ao bazar e parava \_\_\_\_\_ pudesse contemplar aqueles brinquedos, \_\_\_\_\_ lia os preços sem muita noção de valor, \_\_\_\_\_ o importante era levar na memória aquelas imagens fantásticas.

Para que haja coesão entre as ideias, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) Portanto ... se bem que ... assim que ... pois
- b) Entretanto ... para que ... depois que ... à medida que
- c) Desse modo ... para que ... enquanto ... pois
- d) Apesar disso ... ainda que ... depois que ... à medida que
- e) Todavia ... ainda que ... enquanto ... de sorte que

**10. (INSPER – 2017)**



Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.





## 2.4 - Gabarito

1. A
2. E
3. A
4. B
5. A
6. D
7. A
8. B
9. C
10. D



## 2.5 – Exercícios comentados

### 1. (ITA SP – 2014 adaptada)

Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do período. São trechos de um texto sobre a criação do personagem, Carlito, de Charles Chaplin.

- a) O andar do personagem não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. – **já que**
- b) O público riu: estava fixado o andar habitual do personagem Carlito. – **visto que**
- c) O público não achou graça: estava desapontado. – **de forma que**
- d) Cada espectador pode encontrar nele o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. – **posto que**
- e) A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, não poderia pensar outra coisa. – **tanto que**

**Comentários:** A alternativa A está correta, pois “já que” tem valor de explicação: o andar não saiu completo, pois foi partiu de uma sucessão de tentativas.

Alternativa B está incorreta, pois “visto que” tem valor causal e, neste caso, a relação é de consequência: porque o público riu, fixou-se o andar de Carlito.

Alternativa C está incorreta, pois “de forma que” tem valor de consequência e, neste caso, a relação é de conclusão: o público não achou graça, logo, ficou desapontado.

Alternativa D está incorreta, pois “posto que” tem valor de causa e, neste caso, a relação é de explicação, enumerando tudo o que se pode encontrar na personagem.

Alternativa E está incorreta, pois “tanto que” tem valor explicação e, neste caso, a relação é de causa: a interpretação cabe bem, pois é realmente isso que pensa o americano.

**Gabarito: A**

### 2. (ITA SP - 2011)

Os trechos a seguir, que estão fora de ordem, fazem parte de um texto coeso e coerente.

- I. Estudos feitos com várias profissões que trabalham em turnos mostram que ficar acordado por mais de 19 horas ou ter uma jornada de trabalho superior a 12 horas provoca sintomas semelhantes ao de um porre.
- II. Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada, as consequências negativas se potencializam ao extremo.
- III. As reações ficam mais lentas e o julgamento da realidade é comprometido.
- IV. Um piloto dormir no manche do avião é uma cena muito mais rara do que um motorista de ônibus ou caminhão cochilar no volante. Mas pode acontecer.
- V. No caso da aviação, há ainda o agravante de que os pilotos trabalham a 10 mil metros do solo, no comando de aeronaves complexas e delicadas, às vezes com mais de uma centena de passageiros a bordo.

(Em: Pesquisa Fapesp, agosto/2009. Adaptado)

Assinale a opção que apresenta a melhor sequência.



- a) I – II – IV – III – V.
- b) IV – I – II – V – III.
- c) IV – I – III – II – V.
- d) I – V – IV – III – II.
- e) IV – I – II – III – V.

Comentários: Para compreender esta questão é preciso observar o conteúdo de cada item. Só assim pode-se auferir se o texto faz sentido. Sobre o que tratam todos os itens? Sobre as longas jornadas de trabalho dos pilotos de avião. A primeira informação, portanto, deve ser relacionada a situar o contexto. Tanto a I. quanto a IV. dão informações contextuais. Logo, deve-se observar a relação entre os itens.

Em I. se apresentam duas alternativas prejudiciais à saúde: ficar acordado muito tempo e ter uma jornada de trabalho longas. Na alternativa II., a oração se inicia por “Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada”, logo, ela deve vir automaticamente depois da alternativa I.

O item II. ainda fala sobre as consequências negativas, mas não as enumera. O item III. é o único que contém a listagem de possíveis consequências para as práticas, logo, III. deve vir automaticamente depois de II.

O item V. se inicia com “no caso da aviação”, o que demonstra que deve ser precedido por uma afirmação mais geral sobre os malefícios. Por isso, deve vir automaticamente depois de III.

Assim, como o item IV. não consegue estabelecer relação com a oração V., ele deve ser a primeira oração, antecipando toda a sequência que ficaria: IV – I – II – III – V.

**Gabarito: E**

### Arte estimula o aprendizado de matemática

<sup>1</sup> Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e <sup>2</sup> continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em <sup>3</sup> vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

<sup>4</sup> O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São <sup>5</sup> Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos <sup>6</sup> poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de <sup>7</sup> matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como <sup>8</sup> acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na <sup>9</sup> pintura, nas artes em geral.

<sup>10</sup> Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da <sup>11</sup> USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de <sup>12</sup> absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a <sup>13</sup> demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

<sup>14</sup> O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores <sup>15</sup> representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente <sup>16</sup> estruturadas. Ele provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do <sup>17</sup> ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se <sup>18</sup> expressar plasticamente.

<sup>19</sup> "Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas <sup>20</sup> observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que <sup>21</sup> morreu em 1972.



### 3. (IME – 2014 adaptada)

Dentre os trechos do texto nas alternativas a seguir, um revela uso inadequado do recurso coesivo. Aponte-o.

- a) O professor Luiz Barco, (...) é um deles. (Refs. 4 e 5)
- b) Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, (...) (Ref. 7)
- c) Ele provou, na prática, que é possível (...) (Ref. 16)
- d) (...) ou sob o seu aspecto estético, (...) (Ref. 17)
- e) (...) utilizando-as para se expressar plasticamente. (Ref. 17)

Comentários: A alternativa A é a que apresenta uso inadequado, pois o a expressão “é um deles” deveria retomar a expressão “muita gente” e, portanto, deveria estar no feminino (“é uma delas”).

Em B há uso correto, pois “ele” retoma “Professor Luiz Barco”.

Em C há uso correto, pois “ele” retoma “Maurits Cornelis Escher”, artista plástico.

Em D há uso correto, pois “seu” é pronome possessivo e concorda com o complemento, nesse caso, “aspecto estético”.

Em E há uso correto, pois “as” retoma “formas espaciais”.

**Gabarito: A**

### 4. (IME - 2010)

O processo de coesão pode ser realizado através de vocábulos anafóricos – aqueles que se referem a um outro anteriormente expresso. A oração do texto, que NÃO apresenta vocábulo anafórico é:

- a) (...) chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.
- b) Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente.
- c) Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.
- d) Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- e) José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo.

Comentário: Na alternativa B não há a presença de vocábulos que fazem substituição de termos que apareceram anteriormente: há a reescrita das profissões com outros termos sinônimos.

A alternativa A apresenta o advérbio de lugar “lá” que retoma “São Vicente”.

A alternativa C apresenta o pronome indefinido “alguns” que retoma “versos”.

A alternativa D apresenta o advérbio de lugar “onde” que retoma “baía de Guanabara”.

Alternativa E apresenta o advérbio de lugar “onde” que retoma “uma das sete ilhas Canárias”.

**Gabarito: B**

## 5. (FUVEST – 2018)

<sup>1</sup> Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, <sup>2</sup> ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos <sup>3</sup> próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que <sup>4</sup> tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. <sup>5</sup> Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, <sup>6</sup> torna-se, deste modo, arte moderna.

<sup>7</sup> As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. <sup>8</sup> Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. <sup>9</sup> Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova <sup>10</sup> visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é <sup>11</sup> mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua <sup>12</sup> altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; <sup>13</sup> e, todavia, o seu significado não está perdido porque o <sup>14</sup> significado que uma obra assume para uma geração posterior <sup>15</sup> é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (Refs. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.
- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

Comentários: A alternativa A é correta, pois “de fato” funciona como locução adverbial de afirmação, ou seja, confirma e dá mais força ao verbo “afete”, podendo ser substituído por “realmente”; e “deste modo” funciona como conjunção consecutiva, ou seja, denota consequência: se a obra de arte nos afeta, logo, ela se torna arte moderna.

A alternativa B está incorreta, pois “ainda” não denota consequência, mas sim adição.

A alternativa C está incorreta, pois “todavia” não denota consequência, mas sim oposição.

A alternativa D está incorreta pelo mesmo motivo da B: denota adição.

A alternativa E está incorreta, pois “possivelmente” denota dúvida.

**Gabarito: A**

## 6. (FUVEST - 2015)

<sup>1</sup> Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o <sup>2</sup> capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o <sup>3</sup> mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios <sup>4</sup> particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu <sup>5</sup> João Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo <sup>6</sup> quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer <sup>7</sup> um moquirão\*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

<sup>8</sup> – Mas chegará, homem? perguntou a velha.

<sup>9</sup> – Há de se espichar bem, mulher!

<sup>10</sup> Uma voz os interrompeu:

<sup>11</sup> – Por este preço dou eu conta da roça!

<sup>12</sup> – Ah! É nhô João!



<sup>13</sup> Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham <sup>14</sup> por homem de palavra, e de fazer o que prometia. <sup>15</sup> Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que <sup>16</sup> estava destinado para o roçado.

<sup>17</sup> Acompanhou-os João Fera; porém, mal seus olhos <sup>18</sup> descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele <sup>19</sup> esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, <sup>20</sup> que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se <sup>21</sup> deixando-os embasbacados.

José de Alencar, **Til**.

\* **moquirão** = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- I. Em “alcançou o capanga um casal de velhinhos” (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- II. O verbo sublinhado no trecho “que seguiam diante dele o mesmo caminho” (L. 2-3) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- III. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis” (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários: O Item I. está correto, pois “alcançou” dá sentido à oração seguinte: “, *que seguiam diante dele o <sup>3</sup> mesmo caminho*”. Foi alcançado quem “seguiam diante dele”, portanto, essa pessoa verbal é necessariamente plural: “casal de velhinhos”. Logo, o sujeito será o outro termo da oração “capanga”.

O Item II. está correto, pois apesar de se referir a duas pessoas, “casal” é substantivo de coletividade e, como tal, é tratado no singular. O uso de plural aqui – que justifica o Item I. – é útil para não causar ambiguidades, como a questionada no Item I.

O Item III. está incorreto, pois o “eles” do texto assume função de sujeito (quem destinou os cinquenta mil-réis) e na frase do item, como objeto (quem foi visto por aí).

**Gabarito: D**

## 7. (UNESP – 2018)

“Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2o parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se, respectivamente, a

- a) “alavanca”, “um”, “viúva e órfãos”.
- b) “pedra”, “um”, “meninos”.
- c) “pedra”, “alavanca”, “viúva e órfãos”.





d) “alavanca”, “pedra”, “viúva e órfãos”.

e) “alavanca”, “pedra”, “meninos”.

**Comentários:** O pronome “se” é reflexivo, pois se refere ao próprio sujeito da ação: quem soltou da pedra? A alavanca.

O pronome “lhe” se refere à pessoa em cujo peito a alavanca bateu. Essa informação está no período anterior: “Na pedreira perdi um”: este “um” é a pessoa que morreu após ser atingida pela alavanca. O segundo “se”, também reflexivo, refere-se a quem sumiu. Aqui, fica claro que eram “a viúva e órfãos miúdos” pelo período que procede, pois explica lista o que ocorreu com cada uma das pessoas da família.

**Gabarito: A**

## 8. (UNESP – 2017 adaptada)

Em “Conta ela que seu Afredo, **mal** viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado.”, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

a) assim como.

b) logo que.

c) enquanto.

d) porque.

e) ainda que.

**Comentários:** O conectivo “mal” pode ser substituído por “nem bem”, “assim que” ou “logo que”, pois tem valor temporal sucessão (a viu sair e depois chegou-se). Por isso, a alternativa correta é a B.

A alternativa A está incorreta, pois tem valor comparativo.

A alternativa C está incorreta, pois tem valor temporal concomitante, ou seja, liga dois elementos que ocorrem ao mesmo tempo.

A alternativa D está incorreta, pois tem valor explicativo, de causa.

A alternativa E está incorreta, pois tem valor concessivo, ou seja, indica uma condição para que algo ocorra.

**Gabarito: B**

## 9. (UNESP - 2016 adaptado)

Leia o trecho do texto **Brinquedos incendiados**, e Cecília Meirelles.

**Assim**, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens e deixar cravadas nelas, como setas, os nossos olhos.

Abaixo, você encontra o texto reescrito, mas mantendo o mesmo sentido do texto original:

\_\_\_\_\_, o bando de crianças passava em frente ao bazar e parava \_\_\_\_\_ pudesse contemplar aqueles brinquedos, \_\_\_\_\_ lia os preços sem muita noção de valor, \_\_\_\_\_ o importante era levar na memória aquelas imagens fantásticas.

Para que haja coesão entre as ideias, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) Portanto ... se bem que ... assim que ... pois
- b) Entretanto ... para que ... depois que ... à medida que
- c) Desse modo ... para que ... enquanto ... pois
- d) Apesar disso ... ainda que ... depois que ... à medida que
- e) Todavia ... ainda que ... enquanto ... de sorte que

Comentários: A alternativa correta é a C, pois a primeira lacuna deve ser substituída por um conectivo que denote conclusão, semelhante a “assim”; a segunda lacuna, por um conectivo que denote finalidade, semelhante à preposição “a”; a terceira lacuna e a quarta precisam dar noção de concomitância, pois é a descrição de uma ação: os meninos contemplavam os brinquedos, enquanto liam os preços sem perceber e criavam memórias.

A alternativa A está incorreta, pois há erro na segunda lacuna, já que “se bem que” dá noção de concessão e na segunda lacuna “pois” dá noção de explicação.

A alternativa B está incorreta, pois “entretanto” dá noção de oposição, não conclusão.

A alternativa D está incorreta, pois “apesar disso” dá noção de concessão.

A alternativa E está incorreta, pois “todavia” dá noção de oposição.

**Gabarito: C**

## 10. (INSPER – 2017)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.

- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

Comentários: “No entanto” é um conectivo que denota oposição. Portanto a alternativa correta é a D.

A alternativa A é incorreta, pois o período afirma que o uso de memes não garante a análise política.

A alternativa B é incorreta, pois o texto afirma justamente o contrário: que as pessoas não estão interessadas em discutir política.

A alternativa C é incorreta, pois as ideias não estão concatenadas a partir da ideia de consequência: segundo o texto, não é porque consomem memes que as pessoas não se interessam por discutir política.

A alternativa E é incorreta, pois o espaço de humor na política nacional não é restrito, uma vez que o texto versa sobre a profusão de memes de política.

**Gabarito: D**

## 3 – Prática de redação

### Proposta I. (IME – 2012)

#### **A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)**

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel,



professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. “Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é *shúnya*”, afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, *shúnya* significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, *shúnya* refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo *shúnya* – que, em árabe, se tornou *shifr* e foi latinizado para *zephirum*, depois *zéfiro*, *zefro* e, por fim, zero.

Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. “Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero”, diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

“Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande”, diz o historiador da matemática Ubiratan D’Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. “Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais”, diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4\_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero”, diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. “Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato”, afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava “aquilo que ficou para trás”, como os pingos de chuva depois de uma tempestade. Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.

Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. “Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada”, afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. “O cálculo integral e diferencial, desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero”, diz Walter Maciel. Nesse tipo de cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em “zero segundos”, mas é assim que funciona.) “O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos”, diz Maciel.

Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). “O Ocidente pensa o nada em



oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada”, diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é “especial” – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo ( $1 - 1 = 0$ ). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero ( $0 \times 4 = 0$ ). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas ( $0 \div 3 = 0$ ), que não muda seu jeitão. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? “Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença”, diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão “zero à esquerda”, que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. “Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo”, diz Kaplan. E mais: há quem diga que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorratamente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>>. Acesso em 14 mar. 2012.  
(ADAPTADO)

### Produção de texto dissertativo-argumentativo Leia atentamente o fragmento extraído do texto I:

Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos.” Seria uma revolução.





Considerando o trecho acima, reflita sobre a **divulgação do conhecimento como meio de transformação social**. A partir de sua reflexão, elabore um texto dissertativo-argumentativo em que você discorra sobre as transformações sociais ocorridas a partir do investimento em educação. Utilize informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

Instruções:

1. Não copie trechos dos textos nem do fragmento de texto apresentado.
2. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta escrita da língua portuguesa.
3. Redija um texto de 25 (mínimo) a 35 linhas (máximo).
4. Atribua um título a seu texto.

Comentário:

#### Proposta I.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **divulgação do conhecimento como meio de transformação social**, focando especialmente **nas transformações sociais a partir do investimento em educação**.

O **Texto 1** fala sobre como a criação do número zero é capaz de alterar paradigmas de pensamento. A invenção do zero faz com que sejamos capazes de representar algo que é de grande abstração: o nada. Enquanto seres humanos, temos dificuldade em compreender a ideia de “nada”, “vazio”. O texto aponta que relacionamos o “nada” com negatividade: a ausência de vida, de Deus, de mística. Além disso, a invenção do zero nos ajuda a compreender como representar simbólica e materialmente algo que não existe.

Especificamente, a proposta se voltava para a questão da divulgação do conhecimento e das transformações sociais que a educação pode produzir. No texto, fica claro que a invenção do número zero é uma mudança de paradigma de pensamento, além de um facilitador no conhecimento e no ensino. O próprio cálculo, além da notação dos números, se torna mais facilitada a partir da invenção do número 0. A longo prazo, é a invenção da representação do nada que permite, por exemplo, o sistema binário na base da computação.

Toando como base alguns elementos do texto, poderíamos pensar em argumentações que discutissem os seguintes pontos:

- A importância do investimento em pesquisa científica.

**Possíveis argumentos:** a falta de investimento governamental em pesquisa, principalmente nas universidades públicas, é um risco para o desenvolvimento da educação do país; é através de pesquisas que se descobrem desde modos de melhoria da sociedade até a cura de doenças; a preocupação com a pesquisa científica não pode estar apenas atrelada ao interesse empresarial, pois por vezes algumas descobertas contrariam interesses de mercado – a cura de uma doença, por exemplo, contraria interesses da indústria farmacêutica que lucra com a venda de remédios.

- Os efeitos da divulgação científica na constituição do pensamento da sociedade.

**Possíveis argumentos:** o pensamento e a pesquisa científica padecem de um problema: seu descrédito por boa parte da população; muitas vezes, há uma confusão do que seria verdadeiramente ciência, pois somos pouco ensinados a compreender o pensamento científico; muitas vezes, preferimos acreditar em misticismo ou superstição ao invés de acreditar na pesquisa científica; há uma impressão geral de que se pode combater a pesquisa com sua vivência pessoal – ou opinião; é muito importante que haja divulgação científica para que as pessoas sejam capazes de identificar informações falsas de verdadeiras e, assim, enfrentarem melhor a realidade.

## Proposta II.

### Texto 1

#### As Universidades Precisam Formar Sábios

A reitora de Harvard diz que instituições devem resolver questões práticas, mas não podem ignorar a marca do próprio DNA: produzir conhecimento

Veja.com, 25.03.2011

Em artigo recente para o jornal The New York Times, a senhora afirma que as universidades vivem uma crise de propósitos. Poderia explicar essa ideia? Um debate frequente de nossos dias é acerca de como as universidades podem contribuir com as necessidades mais imediatas da sociedade. Algumas delas são necessidades econômicas, e os estudantes vão às universidades de forma a serem treinados e qualificados para futuros empregos. Outras são descobertas e inovações e outros tipos de intervenções que podem ter um efeito imediato no mundo, como a cura de uma doença. Mas as universidades têm outros propósitos, que são de longo prazo e que são mais difíceis de mensurar, mas que são extremamente importantes para todos nós. No encontro que tive com os reitores brasileiros, ouvi uma frase que resume esse pensamento: a sociedade nos pede soluções para problemas práticos. Mas a universidade não deve se preocupar apenas com o bem estar imediato dos seres humanos, precisa fazer também com que eles sejam sábios. As universidades têm esse propósito humano, histórico, antropológico, que nos faz transcender o momento presente. Não nos preocupamos apenas se nossos alunos terão emprego amanhã. Precisamos garantir que eles tenham conhecimento.

(Disponível em <https://veja.abril.com.br/educacao/as-universidades-precisam-formar-sabios/>, acessado em 28.05.2019)

### Texto 2

#### O profissional do século XXI

10 de dezembro de 2007

E como dever ser o profissional do século XXI? Bem, ele deve possuir muitas características, entre elas, empreendedorismo, resiliência, proatividade, liderança energizadora, percepção, comunicação, persuasão, assertividade, criatividade, cultura, humanismo. Todas elas têm sido muito requisitadas pelas empresas, mas devemos lembrar que não se trata de buscar profissionais supra-humanos, visto que isso é impossível e têm levado muitos a um nível elevado de estresse. Trata-se, apenas, de reconhecer seus potenciais e limitações, e a partir daí, de forma equilibrada e estruturada, buscar o autodesenvolvimento.

Também não podemos esquecer da relevância da tecnologia na vida de um profissional globalizado. Independentemente da área do conhecimento, ela fornece a base conceitual necessária a uma evolução do pensamento e da análise. Ainda, a utilização de ferramentas tecnológicas é um fator de diferenciação no mercado de trabalho. Compreender claramente o ambiente altamente tecnológico em que vivemos e suas correlações é fundamental para qualquer profissional, mas nada exacerbado que nos torne consumidores compulsivos dessas tecnologias. Por outro lado, os profissionais não podem ficar desatualizados com tal evolução e devem saber usá-la a seu favor para gerar resultados efetivos.

(Acessado em <https://administradores.com.br/noticias/o-profissional-do-seculo-xxi>, disponível em 28.05.2019)

### Texto 3



## A Universidade é um espaço de doutrinação ideológica?

A grande dificuldade de quem desmerece o valor dos conhecimentos das ciências humanas é não entender que elas não geram resultados palpáveis (a produção de uma cadeira, a construção de uma ponte) e sim em níveis abstratos. Raciocínio, lógica, reflexão, crítica, o significado de ética, a situação do ser humano em relação às outras coisas, as diferenças culturais, as regras simbólicas que regem as relações humanas, os motivos pelos quais levam as pessoas a fazerem o que fazem.

(...)

As ciências humanas não comportam verdades absolutas, diferente de outras disciplinas. Basta lembrar das fórmulas matemáticas, as leis que regem as reações químicas e físicas, as características biológicas de cada ser...

(...)

A crítica mais ácida aos cursos de ciências humanas é a de que teriam se tornado verdadeiros redutos de esquerdistas. Ela em parte é verdade, pois muitos diretórios e centros acadêmicos praticamente se tornaram diretórios de partidos políticos —principalmente PT, PCdoB e PSOL. Além disso, muitos mestres e doutores realmente têm mais afinidades com ideologias e lideranças mais à esquerda. No entanto, imaginar que seja possível “doutrinar” estudantes “ingênuos e indefesos” é um grande exagero.

(Disponível <http://www.jornaldaorla.com.br/noticias/38306-a-forca-do-pensamento/>, acessado em 28.05.2019)

Considerando o trecho acima, reflita sobre **qual o papel das ciências humanas e da reflexão social na educação do século XXI? Elabore um texto dissertativo-argumentativo em que você discorra sobre qual o papel desses conhecimentos na construção de uma sociedade.**

Instruções:

1. Não copie trechos dos textos nem do fragmento de texto apresentado.
2. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta escrita da língua portuguesa.
3. Redija um texto de 25 (mínimo) a 35 linhas (máximo).
4. Atribua um título a seu texto.

## Comentário:

### Proposta II.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas ao **papel das ciências humanas e da reflexão social na educação do século XXI, discorrendo sobre qual o papel desses conhecimentos na construção de uma sociedade.**

O **Texto 1** é uma entrevista com a reitora de Harvard e destaca que, realmente, há um desafio para a universidade: produzir conhecimento que deve ser aplicado de forma imediata. Porém, há propósitos mais vagos e a longo prazo que não podem ser desprezados, pois a Universidade deveria “fazer também com que eles (os homens) sejam sábios”. Essa entrevista, no contexto da proposta, já faz uma divisão que praticamente se aplica a diferença entre ciências humanas e ciências exatas. As primeiras seriam responsáveis pela “sabedoria”, as últimas, pelo caráter mais técnico e “utilitário”.

O **Texto 2** fala sobre o perfil do profissional do século XXI que, ao que tudo indica, deve desenvolver cada vez mais habilidades na área tecno-científica. O texto faz referência também à formação humana (“cultura, humanismo”), mas essas características parecem ser um traço menor diante da “relevância da tecnologia”. No entanto, muitas vezes, mesmo alunos da área tecnológica reclamam do abismo entre Universidade e mundo prático

O **Texto 3** discorre sobre as críticas diretas aos cursos de Humanidades das universidades. Inicialmente, o texto expressa qual é a dificuldade em valorizar esse campo do saber: ele não gera resultados palpáveis e não comporta “verdades absolutas”. Após esse diagnóstico, o autor enfrenta a crítica de que tal área seria reduto da esquerda. Ele reconhece que há algo de verdadeiro nessa premissa, mas conclui que “imaginar que seja possível ‘doutrinar’ estudantes ‘ingênuos e indefesos’ é um grande exagero.”

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A educação deve ser abrangente, abordando tanto as humanidades quanto a técnica.

**Possíveis argumentos:** Há uma impressão comum de que apenas o conhecimento materialmente aplicável deveria ser ensinado. Isso dialoga, porém, com a ideia de mercantilização da educação. A educação, quando tratada como mero produto vendável ou serviço comprável, deixa de cumprir seu papel.

- O papel das humanidades numa sociedade tecnicista é de promover a discussão sobre o presente, não deixando que nos acomodemos com o que não nos faz bem.

**Possíveis argumentos:** as humanidades procuram “transcender o presente” e dar conta da complexidade do mundo jamais perderia sua função, por mais que fosse incompreendida; no mundo tecnicista em que vivemos, há a tendência de que as Humanidades percam o espaço; já que estão longe do sistema produtivo, muitas vezes sendo críticas a ele.

- Há um estereótipo a ser desmontando sobre o que seriam as ciências humanas.

**Possíveis argumentos:** as humanidades têm muito pouco a oferecer em relação aos desafios próprios de um mundo globalizado; ao mesmo tempo, elas perdem valor justamente no momento em que mais se necessitada desses conhecimentos para que o homem não abdique de sua humanidade; humanidades têm valor, mas o criticismo desenvolvido nas Universidades ao longo do tempo, tornou-as alvos do setor conservador que a vê reduto de esquerda.

## Proposta III. (IME – 2010)

### Texto I

#### O ANO DA FÚRIA

Os primeiros meses de 2010 serão lembrados pela sucessão de catástrofes ambientais. Terremotos mataram milhares de pessoas em Haiti, Chile e China. Um vulcão na Islândia gerou uma nuvem de cinza causadora de prejuízo histórico para a aviação. Tempestades e ondas de frio e calor castigaram várias partes do planeta, inclusive o Brasil. A fúria da natureza, segundo cientistas, continuará este ano, especialmente devido à temporada de furacões no Caribe e na América Central, regiões pouco preparadas para enfrentar eventos extremos. Grandes seguradoras já apontam 2010 como o ano de maior prejuízo e desastres ambientais. Os especialistas alertam que os países precisam aprender a se preparar para evitar perdas humanas e econômicas cada vez maiores num mundo superpovoado e à mercê de mudanças climáticas. Os fenômenos naturais que marcaram a primeira metade de 2010 são o tema deste caderno especial que O Globo publica hoje, Dia do Meio Ambiente.

#### Um começo extremo

As seguradoras amargaram prejuízo histórico e a América Latina foi uma das regiões que mais sofreu. Porém, especialistas dizem que o Brasil está entre os países que podem sair fortalecidos da crise ambiental.

O ano sequer chegou à metade, mas os eventos extremos registrados por todo o planeta, provocando milhares de mortes, já fizeram de 2010 um período marcado pela fúria da natureza. Tempestades de força incomum, alagamentos, temperaturas muito acima ou abaixo da média, terremotos em áreas densamente povoadas e atividade vulcânica causaram prejuízos em dezenas de países. O clima produz más notícias em velocidade inédita. Uma combinação de fatores explica por que 2010 tem sido penoso. Entre eles, as mudanças climáticas – que provocam episódios extremos com mais frequência – e a infeliz coincidência de os eventos geológicos, como terremotos e vulcões, ocorrerem em áreas densamente povoadas. Áreas pobres e sem infraestrutura estão sujeitas a perdas maiores.

Do ponto de vista geológico, não existe anormalidade registrada na atividade do planeta – garante o vulcanólogo Thor Thordarson, da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Mas o acaso fez com que erupções e sismos acontecessem nos primeiros meses do ano, e, além disso em locais muito habitados. É uma coincidência, mas nos faz pensar que algo está errado.

(...)

Segundo a seguradora Willis, as empresas do setor atuantes no continente perderam US\$ 16 bilhões nos últimos três meses. Entre os motivos estão os terremotos do Haiti e Chile e as chuvas que castigaram o Brasil. A empresa também prevê que a nova temporada de furacões no Caribe, iniciada esta semana, será “mais intensa que o normal”.

Os gastos com eventos extremos darão um salto nos próximos meses. Segundo a seguradora Swiss, os desastres naturais provocarão uma despesa de US\$ 22 bilhões.



Já estamos conferindo os eventos significativos de 2010. Nossa previsão é de que este ano será de grandes prejuízos – admite Thomas Hess, economista-chefe da Swiss. Alertamos a indústria que deve se preparar para sofrer perdas.

Se é difícil pensar em cifras tão altas, basta lembrar os reflexos que as mudanças climáticas provocam no orçamento de cada um. Secas e furacões fizeram com que produtores diminuíssem, em todo o planeta, a área de cultivo de arroz. O movimento atingiu até o Rio Grande do Sul. Preparados para a estiagem, os Pampas foram surpreendidos, no início do ano, com o alto índice de chuvas. Resultado: safras ainda menores e preços mais altos no supermercado.

A mesa do brasileiro ficou mais cara – alerta Emília Queiroga Barros, diretora da Campanha Global de Liderança Climática Brasil 2020. As mudanças climáticas têm um efeito imediato em nosso modelo de civilização. E o que é mais importante: elas não respeitam fronteiras geopolíticas. São um problema de todos.

### **Clima traz nova ordem mundial**

A escalada dos eventos extremos ainda não produziu um verdadeiro acordo global, obrigando países desenvolvidos e emergentes a cortarem na carne – leia-se: em suas emissões de carbono. A China, maior poluidora do mundo, investe 3% do seu PIB em energia verde (os EUA destinam apenas 0,7% do PIB ao mesmo fim). Na Alemanha, a população é incentivada, com reembolsos governamentais, a comprar painéis de energia solar. O projeto alçou o país à liderança no uso desta fonte de energia.

O Brasil, que já reduziu o desmatamento da Amazônia, pode assumir um papel ainda maior. Dono de uma economia baseada em matriz energética limpa (as hidrelétricas), o país é considerado candidato à liderança de uma nova ordem mundial, onde a economia pode ser mais harmoniosa com o meio ambiente.

Somos um dos países com maior potencial de liderança em desenvolvimento sustentável – ressalta Emília. Temos a maior extensão de terra cultivada do mundo, a maior quantidade de recursos hídricos e a maior extensão da Amazônia. Novas formas de comércio estão surgindo, com nações sem potencial agrícola comprando terras fora de seus domínios. As relações de cooperação mudaram. Podemos estar à frente desta nova era.

GRANDELLE, Renato. O ANO DA FÚRIA. O Globo, Rio de Janeiro, 05 jun. 2010. Caderno Especial, p.1-2. (texto adaptado)

#### **Instruções:**

1. Redija seu texto em prosa, de acordo com a norma culta escrita da língua portuguesa.
2. Redija um texto de 25 (mínimo) a 35 linhas (máximo).
3. Atribua um título a seu texto.
4. Seu texto definitivo deverá ser escrito a tinta azul ou preta. Não serão considerados, para fins de correção, textos escritos a lápis.
5. Não copie trechos dos textos nem dos fragmentos apresentados.

#### **Tema**

Leia atentamente o fragmento extraído do texto I desta prova:





“- Somos um dos países com maior potencial de liderança em desenvolvimento sustentável – ressalta Emília. (...) Podemos estar à frente desta nova era.”

Considerando o trecho acima e a definição abaixo, reflita sobre o potencial brasileiro de liderança em desenvolvimento sustentável. A partir de sua reflexão, elabore um texto dissertativo-argumentativo em que você discorra **sobre a possibilidade de o Brasil vir a ser uma liderança em desenvolvimento sustentável e suas consequências**. Utilize informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

Desenvolvimento sustentável é "o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades".

TAYRA, Flávio. O conceito do desenvolvimento sustentável. Disponível em: < <http://www.semasa.sp.gov.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2010.

### Comentário:

#### Proposta III.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **possibilidade de o Brasil vir a ser uma liderança em desenvolvimento sustentável e suas consequências**.

O **Texto I** fala sobre desastres ambientais. Essa é também uma discussão importante para o Brasil atualmente, principalmente após eventos como os crimes ambientais de Mariana e Brumadinho, fruto dos estouros de barragens da Vale do Rio Doce. Ele discute, em alguma medida, a responsabilidade do homem sobre os impactos à natureza e até que ponto estamos colocando o lucro acima da preservação ambiental. O texto, porém, também aponta para os desastres que são aparentemente “naturais”, como terremotos, secas e furacões. O que se questiona, no entanto, é qual a responsabilidade do homem nas mudanças climáticas que podem, de alguma maneira, influenciarem nessas alterações da natureza.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O Brasil tem diversos recursos naturais a serem explorados e pode fazer isso com responsabilidade

**Possíveis argumentos:** em um país com tantos recursos quanto os nossos, é preciso equilibrar a exploração da natureza com o respeito ao meio ambiente; devemos ter consciência dos recursos não renováveis para que não esgotemos a natureza; o Brasil pode explorar a natureza para turismo ecológico ao invés dos extrativismos, gerando lucro com respeito ao meio ambiente.

- O crescimento sustentável pode ser um modo de garantir mais mercado, pois a preocupação com o meio ambiente é um fator importante hoje em dia.

**Possíveis argumentos:** hoje em dia, é muito bem visto que empresas desenvolvam seu negócio ao mesmo tempo que respeitam a natureza; muitos mercados estrangeiros, por exemplo, pararam de consumir de países que usam muitos agrotóxicos – questão fundamental em atualidades no Brasil atualmente.

## Proposta IV.

### Texto 1

#### Novo relatório da ONU reforça ameaças do aquecimento global

O novo trabalho do órgão da ONU Painel Intergovernamental para a Mudança Climática (IPCC, na sigla em inglês) diz que os efeitos do aquecimento estão sendo sentidos em todo lugar, contribuindo para possíveis crises de escassez alimentar, desastres naturais e guerras.

(...)

Os cientistas projetam que o aquecimento poderá reduzir o PIB global em 0,2 a 2 por cento ao ano, caso as temperaturas medianas subam até 2 graus Celsius — uma estimativa que muitos países consideram modesta demais.

“Ao longo da próxima década, a mudança climática terá impactos majoritariamente negativos”, disse Michel Jarraud, secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM), citando cidades, ecossistemas e o abastecimento hídrico como áreas de risco.

“Os pobres e vulneráveis serão mais afetados”, acrescentou. Entre os principais riscos estão a inundação permanente de pequenas ilhas e áreas costeiras.

(Disponível em <https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPA2U01420140331>, acessado em 18.03.2019)

### Texto 2

#### Impostura verde

Já houve até evento fashion em que hedonistas voluntariam trocados para plantar árvores

Hoje em dia ninguém mais cita o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) em jornal -a não ser, talvez, para criticá-lo. Mesmo quem o conhece mal, porém, não deixará de reconhecer como é certa sua caracterização do marketing como "a raça impudente de nossos senhores". Em especial se topar com um anúncio da nova coleção de roupas Diesel.

Pessoas sensatas, em tempos normais, pensariam duas vezes antes de adquirir confecções de uma empresa que publica no Brasil anúncios inteiramente em inglês. Só que nosso tempo há muito deixou de ser normal. E o Brasil, todos sabem, nunca foi sério. Precisava carimbar a campanha com um "Global Warming Ready", porém? Para quem não sabe, a frase quer dizer "pronto(a) para o aquecimento global". Noutro lugar, anuncia-se que são roupas para permanecer "cool" (bacana, ou, literalmente, fresco) enquanto o mundo se aquece.

As imagens utilizadas são ainda mais loquazes. Numa delas, um rapaz de camisa aberta lambuza com filtro solar a garota em vias de trepar num coqueiro. Seria só a razão cotidiana de nonsense da publicidade de moda, não fosse pelo carimbo mencionado e por mostrar no fundo, à esquerda, o mar batendo no topo do que parece ser o monte Rushmore, nos EUA.

A face esculpida em pedra, com água pelo nariz, talvez seja a de Abraham Lincoln. Não aparecem na imagem as outras três do famoso monumento em Dakota do Sul: George Washington, Thomas Jefferson e Theodore Roosevelt. O quarteto de presidentes só se mostra por inteiro noutro quadro, em que um modelo sarado lê um livro com geleiras na capa, deitado na areia da mesma praia. A mesma alusão à elevação do nível dos mares como resultado do aquecimento global surge num plágio deslavado do filme "O Dia Depois de Amanhã". Em tela, arranha-céus de Nova York (Chicago?) com água na cintura.

Nesse álbum disparatado ainda há espaço para araras no lugar dos pombos da praça São Marcos em Veneza, vegetação equatorial ao lado da torre Eiffel e gente de biquíni ao lado de pinguins. Na Antártida, supõe-se. A publicidade não tem nem precisa ter compromisso com a realidade, sequer com a verossimilhança. Seu liquidificador de signos já nasceu pós-moderno. O que salta aos olhos são os sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência.

O aquecimento global virou moda, modismo. Já houve até evento fashion "carbon-neutral", em que hedonistas compungidos voluntariam uns caraminguás para plantar árvores, não se sabe nem se quer saber onde. Peles de animais, contudo, voltaram a ser chiques. O mundinho é verde, ma non troppo. Ao final, todos montam em seus jipões 4x4 movidos a (muito) diesel e rodam superiores sobre o asfalto esburacado das metrópoles brasileiras. Os mais radicais se filiam a alguma ONG -com nome em inglês, claro.

Dá vontade de incorporar um "nerd" rápido. Lembrar que Dakota do Sul fica no meio dos Estados Unidos, onde o mar nunca vai chegar (não na escala de tempo que interessa à espécie humana). O monte Rushmore, aliás, está 1.745 metros acima do nível do mar, que deve subir só meio metro nos próximos cem anos, segundo a última previsão do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática). Quem é que quer saber de informação, no entanto? O negócio agora é ser "ambiental". Qualquer dia desses nasce a grife Biodiesel.

( Leite, Marcelo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 de março de 2007).

Considerando o trecho acima e a definição abaixo, reflita sobre **a importância e limites do ativismo ambiental**. A partir de sua reflexão, elabore um **texto dissertativo-argumentativo** em que você discorra sobre **como alertar a população da importância de discutir pautas ambientais, sem neutralizar essas pautas, esvaziando seu sentido**.

## Comentário:

### Proposta IV.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **importância e limites do ativismo ambiental, discorrendo sobre como alertar a população da importância de discutir pautas ambientais, sem neutralizar essas pautas, esvaziando seu sentido.**

O **Texto 1** apresenta dados acerca das mudanças climáticas do planeta. Este texto seria muito útil para fazer a comprovação de seus argumentos a partir de fatos concretos. Ali há números sobre a temperatura, vozes autorizadas e especializadas no assunto e comentários mais técnicos.

O **Texto 2** aponta para a ideia de que a preocupação com o meio ambiente seria uma verdadeira impostura. Para provar isso, ele elege a campanha da Diesel, criticando-a duramente. Para o autor, a empresa se vale de “sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência”. Conclui que a questão ambiental se tornou uma questão de moda e não exatamente uma preocupação séria. O discurso de defesa ambiental parece ter conquistado mentes e corações e quase todo mundo o repete como um mantra. Na prática, essa postura é ostentada como forma de reconhecimento social, mas apenas isso. Defender o meio ambiente se tornou “legal”. A adesão ao ativismo ambiental é cínica, fala-se muito, faz-se pouco.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A falta de vontade do indivíduo em contribuir para a preservação do meio ambiente

**Possíveis argumentos:** em que medida as pessoas de fato se preocupam com o meio ambiente?; a preocupação para na medida em que precisamos mudar nossos hábitos; a geração de lixo excessiva e o consumo impulsivo estão ligados a questões de conforto, ou seja, é mais fácil realizar ações cotidianas sem considerar o impacto ambiental; com isso, muitas pessoas deixam de atuar sobre a preservação para não mudar seu estilo de vida; a longo prazo, o que pode representar para o meio ambiente essa não mudança de comportamento?

- Os problemas estruturais na preservação do meio ambiente considerando-se as questões sociais

**Possíveis argumentos:** pensar como no sistema capitalista, permeado por relações de consumo e classe social, a preservação do meio ambiente se torna possível; na sociedade do consumo, a compra de mercadorias não pode se basear numa reflexão sobre o próprio ato de comprar, ou seja, a questão ambiental só pode ser lembrada de forma superficial, sem que gere qualquer tipo de culpa; nesse contexto, o ativismo encontra seu limite na própria dinâmica da vida moderna.

## Considerações finais

Não deixe de produzir as redações e enviá-las para correção. É  **muito** importante que você não acumule redações para a última hora, pois não teremos tempo para corrigir. Na próxima aula, vamos estudar a conclusão da redação. Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou nas redes sociais.

Prof.<sup>a</sup> Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	26/04/2020	Primeira versão do texto.

